



# A incorporação da pandemia na retórica da Igreja Universal do Reino de Deus

*Embedding the pandemic in the Universal Church of The Kingdom of God's rhetoric*

## RESUMO / ABSTRACT

Neste artigo, nosso objetivo é averiguar como a pandemia da Covid-19 impacta a retórica da Igreja Universal do Reino de Deus. Nossa hipótese é de que os impactos sociais da crise redimensionam sobremaneira a projeção do pathos, isto é, a leitura do orador sobre valores e interesses do público-alvo dessa igreja.

Nosso referencial teórico assenta-se sobre os estudos sociocognitivos do texto, nos quais a referência, isto é, a forma como damos a conhecer o mundo através da linguagem, é noção central e organizadora do campo epistemológico. Assim, e considerando a metáfora como elemento essencial à retórica religiosa, perseguimos nosso objetivo examinando como o líder fundador dessa igreja conceptualiza via

metáfora referências sobre a pandemia, incorporando-a à retórica. Para esse percurso, selecionamos três registros audiovisuais, espaçados por aproximadamente trinta dias desde a declaração de pandemia de Covid-19 pela OMS, e levantamos processos referenciais metafóricos tematicamente pertinentes.

Em nossa análise aplicamos uma noção dinâmica de contexto para observar como eventos sociais, políticos e culturais relevantes à vida da igreja são incorporados aos processos referenciais emergentes. Em nossas conclusões, apontamos como os dados confirmam nossa hipótese e, também, exploramos os sentidos da reação da Igreja Universal à pandemia no espectro da racionalidade neoliberal.

**Palavras-chave:**  
Metáfora; Contexto;  
Covid-19

## AUTOR

**Erik Fernando Miletta Martins**



 erik.miletta@ufm.br

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## COMO CITAR

MARTINS, Erik Fernando Miletta  
A incorporação da pandemia na  
retórica da Igreja Universal do  
Reino de Deus. *Calidoscópio*, 19(1):  
32-46. [https://doi.org/10.4013/  
cld.2021.191.03](https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.03)

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 29/10/2020

Aprovação: 11/01/2021

## DISTRIBUÍDO SOB



In this paper, our objective is to ascertain how the Covid-19 pandemic impacts the Universal Church of the Kingdom of God rhetoric. Our hypothesis is that the social impacts of the crisis rescales especially the pathos projection, that is, the speaker's reading of this church target audience's interests and values. Our theoretical framework settles on the sociocognitive studies of the

text, in which the reference, that is, the way we make the world known through language, is the central notion and organizer of the epistemological field. Thus, and considering metaphor as an essential element of religious rhetoric, we pursue our objective by examining how this church's founding leader con-

ceptualizes via metaphor references about the pandemic, embedding it to the rhetoric. In this path, we selected three audiovisual records, spaced approximately thirty days since the declaration of Covid-19 pandemic by the WHO, and raised thematically relevant metaphorical referential processes. In our analysis we have applied a dynamic notion of context to observe

how relevant social, cultural and political events to the church's life are embedded in the emerging referential processes. In our conclusions, we point how the data confirms our hypothesis and, also, exploit the meanings of the Universal Church's reaction to the pandemic inside the neoliberal rationality spectrum.

**Keywords:**  
Metaphor; Context;  
Covid-19

## 1. O projeto retórico neopentecostal diante da pandemia: uma hipótese

Um dos postulados norteadores de nossas pesquisas sobre o projeto retórico do neopentecostalismo brasileiro coloca a religião como fonte de uma linguagem para o “discurso sobre as relações dos seres humanos com outros seres humanos, com o mundo exterior, e com nosso comportamento diante das forças incontroláveis fora da vida diária” (Hobsbawn, 2013, p. 237). Diante desta colocação, podemos seguir com segurança a tarefa de interpretar como a pedra de toque do neopentecostalismo brasileiro, a Igreja Universal do Reino de Deus, tem organizado seu projeto retórico diante das múltiplas crises impostas pela pandemia da Covid-19. Neste quadro, inédito na história dessa denominação religiosa, impõem-se mudanças notáveis, justamente: i-) nas relações dos seres humanos com outros seres humanos através de práticas como o distanciamento social ii-) nas relações com o mundo exterior, diante, por exemplo, da atuação do Estado para evitar uma crise nos sistemas de saúde iii-) em nosso comportamento diante de forças incontroláveis, como a possibilidade de infecção viral, entre outras coisas. Isto posto, este artigo procura oferecer respostas, ainda que provisórias e parciais, à seguinte pergunta: como estas mudanças podem impactar o projeto retórico capitaneado por Edir Macedo<sup>[1]</sup>?

Antes de avançarmos, deve-se salientar que estamos diante de um projeto retórico de caráter explicitamente fundamentalista, cujo foco está na universalização – como os próprios termos determinantes das denominações deixam entrever (Igreja Universal, Igreja Mundial, Igreja Internacional, etc.) – de crenças alicerçadas na Teologia da Prosperidade e na Teologia do Domínio (Dip, 2018). O primeiro alicerce sustenta a possibilidade de jactância econômica dos indivíduos enquanto recompensa pela obediência e retidão à única interpretação possível do Livro Sagrado, ajudando-nos a explicar a grande, e polêmica, ênfase dada às práticas de coleta monetária. O segundo recruta o cristão como um combatente de Deus em uma batalha espiritual contra o Diabo (Martins, 2015) e todas as suas manifestações, ajudando-nos a interpretar o nada raro comportamento belicoso dos membros, líderes e fiéis, dessas denominações diante da laicidade do Estado, da pluralidade religiosa e da heterogeneidade social.

Alinhados, estes alicerces sustentam um plano de poder (Macedo, Oliveira, 2008) de caráter homogeneizante, posto que de pretensão universal, e cujas estratégias envolvem

a inserção e influência no poder econômico, domínio da mídia e controle de posições táticas no Estado (Camurça, 2020). No caso, este plano de poder volta-se sobretudo para a difusão de um modo de vida específico a todos os povos, aos moldes do *american way of life* (Hunt, 2000).

Entender para onde destina-se esse plano de poder é fundamental para termos mais nitidez sobre o *telos* retórico do neopentecostalismo, no qual manter uma base financeiramente ativa dentro da “economia sacrificial”<sup>[2]</sup> (Mafra, Swatowski, Sampaio 2012) de modo a angariar recursos financeiros, políticos e humanos torna-se vital para o projeto mais amplo de universalização de um modo de subjetivação.

No quadro idealizado por Macedo, o sujeito neoliberal, percebido a si próprio e atuante como uma empresa orientada pela norma da conquista e cujas interações são guiadas pela concorrência (Dardot, Laval, 2016 [2008]) agrega uma motivação religiosa às ações de disputa interindividual por recursos e bens. Regido por uma norma da conquista com contornos teológicos explícitos, esse sujeito-empresa garante legitimação e justificativa moral para práticas como acumulação, ostentação e consumismo, tidas como índices de sucesso na batalha espiritual contra o Diabo. Nesta cruzada, a norma teológica da conquista organiza-se por um sistema classificatório no qual há riquezas materiais legítimas, conseguidas por meio da aplicação de capital religioso – obtido através da conversão de bens materiais em fé junto ao altar através dos dízimos e ofertas – e ilegítimas, isto é, não consagradas. Ao conceptualizar a fé como investimento (Martins, 2011), a retórica neopentecostal deixa caminho aberto para garantir ao mesmo tempo o desprendimento financeiro e preservar a ambição por bens materiais, aspectos-chave do estímulo retórico à economia sacrificial e à projeção do *ethos* (Meyer, 2007) do empreendedor cristão<sup>[3]</sup> (Martins, 2015).

Todo o quadro acima esboçado tem pouca expressividade sem considerarmos os efeitos do televangelismo no concorrido mercado simbólico de produtos e serviços religiosos. Em especial, devemos lembrar que os principais índices de sucesso ou fracasso de uma denominação religiosa, para efeitos de propaganda, está na capacidade de ostentar aglomerações massivas em templos e atividades públicas. No caso das igrejas neopentecostais brasileiras, via de regra, esse parâmetro está diretamente correlacionado à capacidade de arrecadação financeira e, portanto, à própria exequibilidade do plano de poder. Assim, e lembrando como a adaptação espaço-temporal das práticas religiosas neopentecostais é uma constante (Hunt, 2000), eventos inéditos na vida destas, como as medidas sanitárias

[1] É fundamental explicitarmos que embora a Igreja Universal seja altamente influente no meio evangélico ao funcionar como um protótipo organizacional do neopentecostalismo brasileiro – e isto fica claro quando percebemos muitas denominações, anteriores e posteriores à fundação desta, assimilando modelos de gestão e organização, incorporando elementos teológicos e estratégias de evangelização – ela não determina os rumos do movimento.

[2] A “economia sacrificial” é própria ao *ethos* evangélico contemporâneo. A diferença no trato dado por Edir Macedo corresponde à forma como ele a “torna acessível (...) para uma audiência extensa e que muitas vezes ignora o os parâmetros do *ethos* evangélico” (Mafra, Swatowski, Sampaio, 2012. P. 86).

[3] Embora a figura do empreendedor cristão seja comum no protestantismo, no neopentecostalismo é o poder de consumo e ostentação, e não o acúmulo, que o definem (Autor, 2015). A projeção retórica desse *ethos*, cumpre lembrar, não só garante aos líderes dessas denominações essas características, como ainda funciona enquanto convite/estímulo ao empreendedorismo dos fiéis.

de confinamento, distanciamento social e o fechamento de serviços não-essenciais, devem se fazer sentir de imediato na projeção do *pathos* (Meyer, 2007) retórico, isto é, na leitura que o orador faz dos anseios e expectativas de seu auditório, seja ele particular, seja universal. Um dos elementos inéditos a essa projeção corresponde aos entraves para manutenção de uma base financeiramente ativa dentro da “economia sacrificial” em um contexto de crise econômica que afeta em especial pessoas de baixa renda (Mattei, 2020), público-alvo majoritário da retórica neopentecostal.

A dificuldade em manter esta base ativa resvala principalmente no fechamento de espaços públicos como os templos (Carranza et al, 2020), lugar de comunhão, formação de redes de apoio e arrecadação (Santos Filho, Costa, 2020). O caráter heterogêneo – no tocante à assiduidade (Mafra et al, 2012) – do público frequentador das igrejas neopentecostais varia entre pessoas completamente entregues à causa, pessoas buscando eventuais serviços religiosos e curiosos. Com esta característica dos frequentadores, o fechamento dos templos, também enquanto espaço para identificação e persuasão de potenciais novos fiéis, pode abrir brechas para concorrentes cujas estratégias deem conta de suprir a demanda por serviços religiosos em um contexto de indisponibilidade dos templos.

Por fim, se nossa percepção inicial nos indica pouco impacto imediato da pandemia tanto no *telos* retórico neopentecostal quanto na projeção do *ethos* do empreendedor cristão, nossa hipótese é de que há impacto significativo na projeção do *pathos*. Com isso, pode haver reconfiguração na dimensão do *logos* efetivo (Meyer, 2007) – isto é, das respostas e argumentos oferecidos ao auditório – a partir do momento em que a pandemia vem a ser tematizada. Assim, para aferirmos essa hipótese, um caminho produtivo está em entender melhor como ocorre a incorporação (Hanks, 2008) de elementos do contexto da pandemia na argumentação dos oradores, em especial no uso de metáforas – centrais à retórica religiosa (Tracy in Sacks, 1992). Nas seções que seguem, aventamos alguns argumentos para justificar esse caminho.

## 2. Os estudos sociocognitivos do texto: premissas e reivindicações

O escopo deste trabalho é, principalmente, de ordem descritiva e analítica. Por isso, nosso posicionamento sobre conceitos essenciais à nossa investigação, como *linguagem*, *conhecimento*, *texto*, *contexto*, *referência*, *categorização* e *metáfora*, está disposto de modo bastante sintético<sup>[4]</sup>. Isto posto, a agenda de estudos sociocognitivos (Cf. Salomão, 1999, 2005; Koch, Cunha-Lima 2004, Tomasello 1999, 2014 *inter alli*)

do texto (Cf. Koch 2004, Morato 2017, Marcuschi 2002, 2005, *inter alli*) envolve, entre outras coisas, assumir:

1-) A referência como interface altamente produtiva para discutir problemas epistemológicos comuns aos estudos sobre linguagem e sobre cognição (Martins, 2017, Martins; Souza, 2020). Afinal, é principalmente por meio da referência linguística que damos a conhecer o mundo através da linguagem e a significação, portanto, está longe de ser evento puramente linguístico ou cognitivo.

2-) A referência como construção intersubjetiva (Mondada, Dubois, 2003) central ao processo de “negociação da realidade” (Goffman, 1974) ocorrido na interação. Há, por consequência, uma instabilidade<sup>[5]</sup> constitutiva na relação entre as categorias e os referentes. Estes, quando textualizados, adquirem o estatuto de *objetos-de-discurso*, um produto do processo de referenciação e sua contraparte cognitiva, a categorização e recategorização (Mondada, Dubois, 2003).

3-) A referência enquanto objeto de natureza dual, marcada tanto pela presença de uma “natureza intersubjetiva” – isto é, socialmente compartilhada e responsável por organizar uma matriz pragmática na interação – quanto de uma “natureza perspectival” – isto é, capaz de direcionar a atenção dos interactantes para maneiras específicas de perceber objetos e eventos do mundo (Tomasello, 1999. p.213).

4-) O texto como um evento comunicativo para o qual “convergem ações cognitivas, discursivas e sociais” (Beaugrande, 1997, p. 26) atuante enquanto “forma de cognição social que permite ao homem organizar cognitivamente o mundo” (Koch, 2002, p. 157). Objeto central da Linguística Textual (Bentes, Rezende, 2014), esta unidade mínima de sentido encontra-se organizada por uma “inescapável solidariedade” entre processos linguísticos e cognitivos (Morato, 2017) responsáveis pela construção referencial do mundo. Depreende-se, dessa relação, que a “linguagem, e o texto, estão longe de ser mero reflexo de processos cognitivos, como a categorização, a memória, a sensório-motricidade ou até mesmo a metáfora” (Martins, Souza, 2020, p. 22), dada a inter-relação funcional, mutuamente constitutiva, entre linguagem e cognição aqui postulada. De onde enxergamos, portanto, a língua não é apenas uma janela para observação de processos cognitivos, posto que os constitui.

5-) Que todo texto apresenta uma função comunicativa reconhecível, isto é, um *telos*, um projeto de dizer organizado para atingir determinados fins comunicativos (Bentes, Rezende, 2014, p. 145). A intencionalidade é traço prototípico (Sandig, 2009) do texto, tem papel central na organização contextual (Hanks, 2008) e projetá-la é processo essencial ao evento comunicativo (Tomasello, 2014, p. 3). Essa projeção envolve orientação da atenção – processo esquematizado por Tomasello como “você tem a intenção de que [eu preste atenção a (X)]” (1999, p. 98) – e organiza

[4] Discussões mais detalhadas sobre este posicionamento podem ser encontradas, por exemplo, em Martins (2015, 2017) e Martins e Souza (2020).

[5] A tese da instabilidade referencial ganha força quando admitimos: i-) que “o discurso constrói os ‘objetos’ a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção” (Koch, 2002, p. 30); e, ii-) o caráter historicamente situado dos símbolos linguísticos, quando “incorporam uma miríade de maneiras de construir o mundo intersubjetivamente que foram acumuladas em uma cultura através do tempo histórico” (Tomasello, 1999, p. 96. Tradução nossa).



as demais atividades inferenciais de base textual e contextual (Marcuschi, 2008; Morato et al, 2012).

Diante deste posicionamento, nossos estudos sobre a metáfora ganham contornos particulares em função: i-) da relação mutuamente constitutiva entre linguagem e cognição; ii-) da atuação do contexto na seleção e saliência de traços dos domínios analógicos das metáforas. Tomando-as como premissas aos estudos textuais da metáfora defendemos, por exemplo, que, apesar da predominância da influência do domínio fonte sobre o domínio alvo, este também organiza o mapeamento metafórico ao colocar em saliência aspectos específicos do domínio fonte (Martins, Souza, 2020).

### 3. Metáfora, contexto e texto

Um fator responsável por oferecer contornos específicos aos nossos estudos sobre a metáfora diz respeito à inserção desta como uma atividade textual de construção referencial situada, com características específicas. As metáforas em uso sempre emergem dentro de textos, e isolá-las em frases, ou usar o contexto como mero veículo de informações suplementares, é perder a chance de oferecer explicações mais detalhadas sobre como elas constroem sentidos e atuam na interação. É o caso, por exemplo, da emergência de metáforas junto a processos coesivos como as anáforas, nos quais um referente, ao ser textualizado, adquire estatuto de *objeto de discurso*, vindo a ser categorizado e recategorizado através de estratégias de referenciação (Marcuschi, Koch, 2002) usadas para os fins comunicativos da produção textual. Em particular, a presença da metáfora junto a esses processos provoca um cálculo inferencial bastante específico, no qual a relação entre um item referidor e um item referido instaura também uma projeção analógica entre um domínio fonte e um domínio alvo, reorganizando (Martins, 2017) ambos em termos de saliência de traços.

Para ilustrarmos esse processo, comparemos os dois enunciados abaixo:

1-) João e Maria **discutiram** noite passada. *A discussão durou até o amanhecer.*

2-) João e Maria **discutiram** noite passada. *A tempestade durou até o amanhecer.*

No primeiro caso o item verbal “discutir” ativa e categoriza o evento referido em uma cena referencial (Tomasello, 1999, Martins, 2015) sendo retomado por uma nominalização sob forma de uma descrição definida (Koch, 2004) responsável por um processo de aspectualização (Marcuschi, Koch, 2002), atribuindo-lhe estatuto de *objeto de discurso*. Já no segundo, a nominalização engendra a inserção de uma informação nova sobre o referente, dada a predicação ensejada pela metáfora. Assim, enquanto no primeiro o percurso inferencial dá-se dentro do próprio “campo referencial emergente” (Marcuschi, 2005) do referente ativado, no segundo o percurso requer também uma projeção

analógica entre domínios bastante distintos da experiência humana, processo impulsionado pelas hipóteses coesivas (Martins, 2017) necessárias à atribuição de coerência local. Por isso, neste segundo caso temos um processo cognitivo de recategorização metafórica do referente, propiciado pelo *insight cognitivo* promovido pela conceptualização de um novo estatuto atribuído a ele (Kittay, 1987). Para que essa atribuição ocorra, é fundamental que ambos os domínios sejam reorganizados em termos de relevância de traços das categorias, de modo que elementos centrais de ambas as categorias, durante a construção e interpretação da metáfora, nem sempre são estereotípicos.

De onde enxergamos, e posto que a metáfora é simultaneamente texto e cognição, o primeiro passo para jogarmos alguma luz sobre esse processo caminha para o entendimento sobre qual é a ação – “sobre os outros, sobre o mundo, sobre si” (Morato, 2017, p. 409) – por ela engendrada. Essa dimensão pragmática é aqui trabalhada sob uma perspectiva sociocognitiva, na qual noções como a de intencionalidade compartilhada ajudam-nos a explicar o engajamento humano em atividades socioculturais (Tomasello, 2014, p. 3) através da formação de objetivos comuns.

Diante desses apontamentos, é justo assinalar como a discussão da relação entre contexto e metáfora vem ganhando amplo terreno no campo da Linguística Cognitiva, com atenção especial às dimensões interpessoais (Gibbs, 2006), discursivas (Semino, 2008) co-textuais (Kovecses, 2009) e situacionais (Kovecses, 2015). Entendemos, todavia, ser mais vantajoso trabalhar com uma noção de contexto fortemente influenciada por estudos no campo das Ciências Sociais, como a proposta por Hanks (2008). Explicitar essa posição é movimento fundamental para i-) evitarmos o risco de reduzir as complexas dinâmicas sociais, culturais e interacionais à meras manifestações de processos cognitivos primários e universais (Leezenberg, 2013); ii-) fortalecer a concepção sociogênica de cognição como ação conjunta (Morato, 2017), fundamental aos estudos sociocognitivos do texto. Tal posicionamento não significa abandonar contribuições importantes da Linguística Cognitiva para o entendimento da linguagem – como a reivindicação da noção de protótipo e de gradiência para abordar as categorias cognitivas de organização do mundo ou a própria Teoria da Metáfora Conceptual – mas levar às últimas consequências a tese da mútua constitutividade entre processos linguísticos e processos cognitivos. Este posicionamento obriga-nos a um redimensionamento de conceitos pouco questionados nesse campo, de forma que noções como a de “nível básico”, proposta para descrever a relação de ordenação entre categorias cognitivas, por exemplo, adquirem caráter flexível, sendo influenciadas por atividades sociais historicamente circunstanciadas.

Evocar uma noção de contexto como a proposta por Hanks (2008) revela-se essencial para adequar a metodologia de análise de metáforas a uma realidade sociocognitiva na qual os processos inferenciais, embora situados, encontram amparo em dimensões socioculturais e históricas (Toma-

sello, 1999). Afinal, se contexto tem a ver “um estado de coisas que em parte está organizado a priori, e em parte com uma significação que vem de sua própria organização” (Morato, 2008, p. 83), é fundamental darmos conta de uma integração entre macro e micro dimensões nele atuantes para uma análise produtiva do uso da metáfora.

O movimento aqui realizado é essencial não só para trabalhar a metáfora como um evento linguístico-cognitivo, mas também como um elemento indexical associado tanto às circunstâncias imediatas de seu uso – isto é, para o que é construído localmente e efeitos de sentido decorrentes – como para o conjunto de similaridades desta circunstância com eventos de propriedades semelhantes – isto é, para a dimensão do reconhecimento, fundamental à compreensão da metáfora. Ou seja, os cálculos inferenciais necessários à atividade metafórica tanto promovem a construção situada de novas informações semânticas, fundadas e ativadas em meio a conhecimentos partilhados e enquadres comuns, como ainda indicam proposições de caráter implícito, reconhecidas pelos participantes em função de experiências sociais prévias. Depreende-se, pois, que muitas das informações geradas em um (con)texto e relevantes à interação possuem natureza implícita e promovem estabilidade (em diversos níveis) e sequencialidade às interações. A noção de contexto de Hanks (2008), pois, busca oferecer recursos para analisar a temporalidade das ações e as estruturas que as balizam, através das dimensões inseparáveis da emergência e da incorporação.

Essa percepção da metáfora como atividade (con)textual também acarreta outra maneira de entender a relação desta com a retórica e a argumentação, onde costuma ser trabalhada enquanto uma transposição de significados, processo formalizável em equações do tipo “x=y” (Meyer, 2007, p. 83). De onde enxergamos, a transposição é secundária àquilo que é o próprio da metáfora: a criação e a composição, ou seja, “a metáfora como que produz a comparação e não a fórmula simplesmente: a compa-

**“O movimento aqui realizado é essencial não só para trabalhar a metáfora como um evento linguístico-cognitivo, mas também como um elemento indexical associado tanto às circunstâncias imediatas de seu uso como para o conjunto de similaridades desta circunstância com eventos de propriedades semelhantes”**

ração é resultado...” (Marcuschi, 2007, p. 13). Dessa posição, depreende-se como o potencial pedagógico e persuasivo da metáfora no discurso argumentativo (Amossy, 2000, p. 158) envolve: i-) reconhecer o que ela faz (Booth in Sacks, 1992 [1978]) – ou o que se pretende fazer com ela, isto é, a orientação argumentativa por ela ensejada; ii-) reconhecer-se como parte de uma comunidade – isto é, não só acessar conhecimentos partilhados fundamentais à acessibilidade referencial (Marcuschi, 2006), como aquiescer a crenças e valores comuns – de modo a aceitar o “convite oculto” à aproximação entre interactantes e abrir caminho para a conquista da intimidade (Cohen in Sacks, 1992 [1978], p. 13).

#### 4. Metodologia: coleta, filtragem de dados e ferramentas para análise

Os dados a serem analisados foram extraídos de um *corpus* configurado por três registros audiovisuais, disponíveis ao público no canal da Igreja Universal na plataforma *Youtube*. Um deles corresponde a uma mensagem veiculada ao vivo no *Facebook* pelo Bispo Edir Macedo no dia 11 de março de 2020 como parte do programa online diário “Palavra Amiga do Bispo Macedo”, e os outros dois como parte do programa dominical “O Santo Culto em seu lar”. Desses, um foi ministrado integralmente por Macedo em 26 de abril de 2020<sup>[6]</sup> no Templo de Salomão, enquanto o outro foi ministrado por Macedo e pelo Bispo Adilson Silva em 24 de maio de 2020<sup>[7]</sup>, no mesmo templo. Os critérios para seleção destes registros, dentre vários disponíveis durante a pandemia, foram: i-) pertinência temática e a presença de Macedo, líder fundador dessa igreja; ii-) sincronia entre adoção de medidas sanitárias por governos municipais e estaduais e respostas da Universal.

Em relação ao primeiro critério, é importante apontar que em nenhum dos registros do primeiro levantamento detectamos o tema da pandemia configurando um tópico central. Ao que tudo indica, a motivação para a marginalização deste tema em muitos dos cultos ministrados por Macedo parece ter relação direta com a estratégia de considerá-lo como demasiado amplificado pela mídia tradicional do país, um dos muitos demônios a serem combatidos por este líder religioso (Nascimento, 2019).

Para o segundo critério, consideramos razoável o espaço de mais ou menos 30 dias entre um culto e outro, de modo a detectarmos possíveis diferenças de atuação a depender de como estava o ambiente social nesses períodos, em especial diante da forte pressão pelo afrouxamento das medidas por diversos setores. Como veremos na análise, muitas das decisões adotadas pela Igreja Universal foram revistas em função da postura de outras igrejas evangélicas e dos próprios frequentadores. Para dar suporte à nossa argumentação, valemo-nos de uma cronologia da pandemia no Brasil<sup>[8]</sup>, de modo a evocar

[6] Santo Culto com o Bispo Macedo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kJRxfWombNU26/04/20> -

[7] Santo Culto com o Bispo Macedo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I96BtDGsfE4>

[8] Linha do tempo do Coronavírus no Brasil - Sanar Medicina

eventos ocorridos no período e que podem nos ajudar a interpretar nossos dados. Vale também comentar que o primeiro registro, apesar das muitas diferenças textual-interativas e ser menos produtivo que os demais, é bastante relevante ao nos indicar qual foi a primeira reação da igreja diante da confirmação dos casos de Covid-19 no Brasil e, também, por ter criado polêmica o suficiente para ser retirado do canal oficial de Macedo em redes sociais (Estadão, 2020).

Diante dos registros selecionados, para analisarmos como a Igreja Universal conceptualiza, via metáfora, os referentes próprios à situação imposta pela pandemia – como a crise econômica e as medidas sanitárias impostas para contenção da propagação do vírus – iremos observar as estratégias de construção referencial à luz da dinâmica contextual. Assim, os dois principais critérios para levantamento e filtragem de dados considera: i-) a presença de estratégias de referenciação – como o emprego dos mais variados tipos de anáfora direta e indireta (Marcuschi, 2005) – nas quais referentes próprios ao contexto da pandemia emergem enquanto *objetos de discurso*; ii-) a presença de uma atividade metafórica em qualquer um dos elementos da construção referencial, seja o elemento referido, seja o elemento referidor. Para garantir visibilidade a esses processos, adota-se o seguinte esquema de notação, i-) Elemento referido: **negrito**; ii-) Elemento referidor: *italico* iii-) Elemento metafórico: sublinhado. O exemplo abaixo, no qual temos um elemento referido com metáfora e retomado, visa ilustrar esse esquema:

1. “elas são vítimas **de tempestades**... de problemas”

Como mencionado, apoiamo-nos na proposta de Hanks (2008) para descrição e análise dos movimentos do contexto, composto por duas dimensões inseparáveis: a emergência e a incorporação. Enquanto a emergência concerne ao curso da interação e organiza o contexto em três níveis: *situação*, *cenário* e *campo semiótico*, a incorporação remete aos elementos de cada um dos níveis que vão sendo incorporados ao longo do desenvolvimento da interação. Como descrito por Martins e Souza (2020), o culto neopentecostal não se reduz ao nível da *situação* – referente à presença mútua de interlocutores (Hanks, 2008), mas a um nível mais estruturado, o *cenário*. Neste, o culto configura-se enquanto evento comunicativo organizado por camadas dispostas na situação, envolvendo “atos socialmente identificáveis, expectativas, compreensão entre as partes, e, principalmente, a instauração de um sistema de relevância mútua” (Martins e Souza, 2020, p. 24). Quando o cenário é incorporado e lhe é atribuído significado na forma de signos, instaura-se um

nível mais estruturado, o *campo semiótico*, composto por um campo demonstrativo (envolvendo o uso de dêiticos espaciais, temporais e pessoais, o “aqui-agora-eu”) e um campo simbólico (envolvendo o emprego de itens lexicais, incluindo, portanto, enunciados metafóricos).

As expectativas implicadas na projeção do *pathos* – relativa aos valores atribuídos ao auditório pelo orador (Meyer, 2007) – são ancoradas na percepção que o locutor tem do *groundedness* (Hanks, 2008), isto é, do assentamento do cenário em uma dimensão sócio-histórica. Deste modo, quando o orador enquadra o discurso e estabelece um sistema de relevância mútua, isto é, “quando (...) dirige sua atenção para, tematiza, formula, ou invoca o contexto, ele ou ela o converte em objeto semiótico em uma relação de querer-dizer” (Hanks, 2008, p. 196), o faz por ajuste e alinhamento de suas intenções às projetadas ao auditório, delineando um objetivo comum (Tomasello, 2014) atribuído aos indivíduos alvo da retórica neopentecostal.

Por fim, vale apontar como o campo semiótico, assim como todos os outros níveis de contexto, não existe em um vazio social. Por isso, Hanks emprega a noção de *campo social* desenvolvida por Pierre Bourdieu, relativa ao espaço previamente delimitado de posições e por meio das quais valores circulam. Essa noção é fundamental para delimitarmos aspectos importantes da configuração textual-interativa dos cultos neopentecostais, nos quais há posições e posturas determinadas: a interação é assimétrica, pois o orador detém o poder unilateral de fala tanto por atuar como líder da congregação como por postar-se como um exemplo a ser seguido, e o auditório, composto por fiéis, tende a interagir apenas por meio de reações à fala do orador (Martins, 2015) e se deixar instruir.

## 5. A tática de Satanás, o negacionismo e a conspiração: a chegada da COVID-19 ao Brasil

No dia 11 de Março do ano de 2020, em uma *live* no Facebook, o Bispo Edir Macedo, após exibir um vídeo onde um médico neuropatologista e professor da UNIFESP, Beny Schmidt, alega que a nova variante do coronavírus não era letal<sup>[10]</sup>, profere o seguinte enunciado: “O pavor que a mídia tem usado para levar as populações, as nações, apavoradas com respeito a esse vírus, coronavírus. Por trás de toda essa campanha do coronavírus existe um interesse econômico. E onde há interesse econômico, aí tem”<sup>[11]</sup>. Já nesse período propagava-se junto à extrema-direita ocidental a narrativa conspiratória de que a crise social e econômica iniciada pelo coronavírus seria uma estratégia do Partido Comunista da China para enfraquecer as economias ocidentais e domi-

[9] Essa atribuição influencia as estratégias textual-interativas adotadas no ato suasório, sendo bastante recorrente nos cultos da Igreja Universal o emprego de anáforas nominais não-cosignificativas – como as sinônimas e as paráfrases – e metafóricas. Em trabalhos prévios, consideramos a alta frequência destas em função da constante necessidade de estabilização de percursos inferenciais relativos aos elementos próprios às crenças neopentecostais, como fé e prosperidade (Martins, 2011, 2017).

[10] No vídeo, o médico sugere que a letalidade do Covid-19 deve-se única e somente à presença de co-morbidades (Borges, 2020)

[11] Esse trecho foi extraído da reportagem indicada à nota 15, pois o registro a que tivemos acesso está incompleto.



ná-las (Marchesan, 2020). Na sequência, Macedo usa duas metáforas para referir-se a esse contexto, incorporando elementos simbólicos do discurso conspiratório:

1. não se preocupe com o **coronavírus** porque... **essa é a tática ou mais uma tática de Satanás...** (I) Satanás trabalha com medo com pavor... Satanás trabalha com a dúvida... Satanás apavora as pessoas e **quando as pessoas ficam apavoradas quando as pessoas ficam com medo quando as pessoas ficam em dúvida as pessoas ficam fracas débeis... e suscetíveis a qualquer ventinho**// (II) **qualquer ventinho que tiver é uma gripe é uma pneumonia** pra elas...

Neste primeiro dado, um elemento contextual importante para a formação da relevância mútua dentro do campo demonstrativo é o “agora”, pois a *live* foi realizada no mesmo dia da declaração de pandemia da Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>[12]</sup>. Uma evidência da incorporação desse elemento concerne à emergência do campo simbólico formado em (I), no qual a remissão ao *objeto de discurso* “coronavírus” dá-se pelo emprego de uma metáfora responsável por construir uma relação do tipo classe-membro: “mais uma tática de Satanás”. O estabelecimento dessa hiperonímia, indicado pelo emprego do determinante indefinido, “um-”, é bastante coerente com o padrão da Teologia do Domínio, na qual “o mal (...) é subjetivado, rotinizado e até banalizado na vida dos fiéis. Dessa maneira, o diabo se tornou explicação para quaisquer tipos de problemas que afetam as pessoas” (Campos, 2007, p. 62).

Antes de estabelecer essa relação de inclusão, porém, Macedo constrói uma relação simétrica entre coronavírus e tática de Satanás ao empregar o determinante definido “a”. Essa simetria, todavia, cria uma inferência inconsistente dentro da crença na Batalha Espiritual, e não por acaso emerge uma autocorreção quando o orador emprega “ou mais uma”. Essa incorporação da situação provocada pela pandemia ao sistema de crenças da Igreja Universal, algo evidenciado quando a expressão “essa é a tática de Satanás” acaba funcionando como uma catáfora para itens lexicais como “medo”, “pavor” e “dúvida”.

O movimento de construção de uma relação classe-membro por meio da metáfora, além da consistência inferencial com o sistema de crenças pregado na Universal, tem por efeito a diminuição da situação provocada pela propagação do coronavírus, ao qualificá-la como exagero. Esse movimento faz jus à necessidade de manutenção da base de fiéis – esse é o público-alvo da mensagem – ativa dentro do empreendedorismo sacrificial quando incorpora a resistência, manifestada por grupos empresariais, a possíveis medidas sanitárias de isolamento, como o fechamento de serviços não essenciais. Esse movimento ainda aponta para a incorpo-

ração do campo simbólico no qual se cruzam a narrativa conspiratória (Faria, 2020) supracitada e o negacionismo adotado pelo atual presidente brasileiro diante dos fatos da pandemia (Lellis, Dutra, 2020; Ortega, Orsini, 2020). Essa incorporação indica não só alinhamento público ao governo federal como também a força da identificação entre Macedo e Jair Bolsonaro (Nascimento, 2019, p. 16), outro importante fator para construção de relevância mútua entre o líder religioso e fiéis.

A outra metáfora do dado, “qualquer ventinho”, destacado em (II), reforça o campo simbólico emergente quando oferece continuidade à incorporação dos campos simbólicos acima mencionados. Essa metáfora sobre a debilidade, todavia, diz respeito a outro elemento importante ao sistema de crenças propagado pela Universal, no qual a dúvida, a incerteza, são provocadas pelo próprio Diabo enquanto estratégia na Batalha Espiritual. Não por acaso, essa estratégia retórica é bastante comum para estimular a prática dos dízimos e ofertas, motores do empreendedorismo sacrificial, ao associar a dúvida – isto é, a inação – à culpa pelos problemas pessoais e os enfrentados pela igreja.

Por fim, é importante mencionar como ambas as metáforas presentes neste dado miram, sobretudo, atenuar os possíveis efeitos da crise sanitária no comportamento econômico das pessoas, estimulando a ação de ignorar a crise para seguir em frente. A atuação de Bolsonaro criou, por um lado, ambiente bastante propício para aumento do crédito de instituições como a igreja no combate à pandemia quando, preocupado com a própria popularidade diante de um eminente desaquecimento econômico (Lellis, Dutra, 2020), promoveu o descrédito das instituições públicas responsáveis por atuarem diretamente no combate à pandemia, como o Ministério da Saúde, criando um clima de forte desconfiança (Carranza *et al.* 2020). Por outro lado, Macedo, entre outros líderes evangélicos, enxerga um crescente perigo à continuidade de seu plano de poder, pois o esvaziamento dos templos jogaria uma pá de cal no projeto, afinal, dentro dos templos a pressão para arrecadação é maior, pois, “lá Deus está vendo, então a doação é maior” (Amado, 2020). Assim, neste primeiro momento da pandemia, a incorporação do campo simbólico negacionista e conspiracionista diante da crise sanitária mundial procura fixar inferências causais sobre a situação, de modo a naturalizá-la e normalizá-la. Esse processo é reforçado por eventos como: i-) todos os cultos da Universal no mês de Março de 2020 ministrados por Macedo tratam o assunto de forma diminuta; ii-) Macedo, no restante do registro audiovisual, muda de tópico e começa a falar sobre depressão e suicídio; iii-) ao ecoar a estratégia do governo federal e de setores empresariais, a Igreja Universal desafiou publicamente medidas sanitárias impostas por

[12] Linha do tempo do Coronavírus no Brasil - Sanar Medicina

estados e municípios e continuou a ministrar cultos com plateias lotadas (Oliveira et al. 2020, p. 275).

## 6. O pandemônio e a nova realidade: a pandemia bate às portas da Universal

Apesar da postura desafiadora e negacionista, a resistência pública da Igreja Universal aos alertas emitidos e medidas adotadas pelos órgãos sanitários durou pouco tempo. No dia seguinte, 12 de março de 2020, a enorme polêmica gerada pela fala de Macedo levou-o a apagar o vídeo, e a Igreja Universal emitiu um comunicado eletrônico com uma lista de cuidados a serem tomados. Havia risco real de prejuízo à imagem da Igreja diante dos próprios fiéis e de potenciais seguidores, pois, apesar da postura do governo federal e de alguns estados e municípios, de sindicatos patronais e outras associações empresariais, parte da população e dos governos estaduais e municipais levou a sério o alerta emitido pela OMS de risco de colapso nos sistemas de saúde.

Um bom índice da adesão às medidas de isolamento e distanciamento no meio evangélico foi levantado em enquête realizada pelo Instituto Cristão de Pesquisas (ICP)<sup>[13]</sup>: diante da pergunta “Você acha que as igrejas devem suspender os cultos presenciais, devido ao coronavírus?”, mais de 80% das respostas foram positivas<sup>[14]</sup>. Esse dado pode nos ajudar a explicar por que a maioria das igrejas evangélicas protestantes, pentecostais tradicionais e neopentecostais – incluindo aqui as dissidências da Igreja Universal, como a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus – suspenderam atividades previstas para o período bem como orientaram lideranças locais a ministrarem os serviços *online* (Oliveira et al. 2020; Siuda-Ambroziak, Bahia, 2020).

Apesar de majoritariamente alinhadas ao atual presidente do Brasil, a postura dessas igrejas evidencia algo já bastante sabido no campo dos estudos sociológicos e antropológicos sobre a presença neopentecostal no Brasil: i-) nem sempre as orientações político-eleitorais recomendadas pelos líderes religiosos são seguidas; ii-) muitos frequentadores comparecem a mais de uma dessas denominações ou em busca de serviços religiosos específicos ou em função de proximidade com locais de atividades cotidianas, como a residência ou o trabalho (Mariano, 2013). Diante desta autonomia relativa, a adesão à resistência de Macedo foi baixa, e os templos começaram a esvaziar-se em abril (Oliveira et al., 2020), apesar da continuidade das reuniões e das medidas sanitárias adotadas dentro destes espaços (Maciel, Dip, Ribeiro, 2020).

Diante desses eventos, a Igreja Universal não poderia seguir outro caminho senão o da incorporação deste novo “agora” no campo demonstrativo da retórica religiosa. Ainda

no final de março, um dos membros mais fortes na atual composição hierárquica da igreja, o Bispo Renato Cardoso, realiza uma longa fala no Templo de Salomão apontando oito fatos da pandemia que indicariam o final dos tempos e o início da Grande Tribulação. Embora esse registro não seja analisado neste artigo, em face das muitas diferenças em relação ao nosso *corpus*, é importante mencioná-lo para destacar como há uma alternância de tratamento da Universal ao abordar o tema: enquanto Macedo considera a pandemia como tática de Satanás para impor a dúvida, Cardoso a trata como princípio do Armageddon. Essa diferença é estratégica e complementar, pois, enquanto a diminuição da pandemia visa oferecer tranquilidade aos fiéis, de modo a continuarem com as atividades econômicas cotidianas, colocá-la como princípio do apocalipse assenta a escatologia prevista na crença na Batalha Espiritual, com foco na seleção dos escolhidos durante o arrebatamento vindouro. Esse movimento evidencia, como veremos, a incorporação da crise à dimensão do *pathos* projetivo na retórica neopentecostal.

No trecho abaixo, extraído do culto ministrado em 26 de abril de 2020, podemos notar como esta alternância leva à incorporação de novos elementos formadores de um campo simbólico emergente para a adesão a práticas como os dízimos e as ofertas. Após a exibição de uma matéria – seguida de aplausos, indicando a presença de plateia mesmo diante da ausência das sempre frequentes imagens de templo lotado – sobre as ações de caridade da Universal diante da crise econômica e sanitária – como a doação de alimentos e remédios aos afetados – Macedo começa a explicar como tais ações só são possíveis graças à atuação sacrificial dos verdadeiros fiéis:

2. o texto sagrado **fala da proteção divina sobre aqueles que têm as mãos estendidas para dar...** “*mais bem aventurado*” Jesus disse “*mais bem aventurado é aquele que dá do que aquele que recebe*” mas para que você possa dar **você tem que ser a fonte** e **aí está obra do Espírito Santo (II) o trabalho da Igreja Universal é esse é uma fonte a jorrar a jorrar a a dar pras pessoas aquilo que Deus lhe tem dado (III).**

Em (I), para reforçar a argumentação em torno da importância das doações dos fiéis para as ações de caridade da igreja, Macedo emprega uma anáfora nominal parafrástica para reforçar a metáfora “proteção divina”, objeto da relação referencial. Est metáfora designa as pessoas dedicadas à causa social da igreja quando é co-referenciada pela conhecida expressão bíblica “mais bem aventurados”, presente em Atos 20:35<sup>[15]</sup>. A metáfora sobre proteção é central à argumentação em torno da Teologia da Prosperidade, sendo possível encontrar variações dela

[13] O ICP reúne líderes evangélicos de distintas denominações pentecostais e protestantes.

[14] Disponível em: [Enquetes.com.br](https://enquetes.com.br)

[15] Atos 20 Bíblia King James Atualizada Disponível em: [bibliaportugues.com](https://bibliaportugues.com)



– com o uso da expressão “cerca” – em nosso *corpus* dos anos de 2007/2008 (Martins, 2011), e nos indica alta frequência da incorporação do campo simbólico construído no Livro de Jó, mais especificamente em Jó 1:10<sup>[16]</sup>. Essa incorporação sempre emerge junto a um *frame* de Transação Comercial, pois tal proteção é adquirida em troca de sacrifícios financeiros. A diferença entre este dado e os de 2007/2008 corresponde, justamente, à dimensão da incorporação do “agora” no campo demonstrativo: enquanto nos dados antigos os elementos incorporados apontavam para a necessidade de proteção de bens materiais, neste vê-se a incorporação de elementos afeitos à solidariedade, mutuamente relevantes diante da crise.

Esse movimento faz parte da necessidade de trazer a público a atuação da igreja ante à debilidade do Estado em atenuar os efeitos da crise. Há aqui a incorporação de outro elemento contextual: a ação política, capitaneada

**As estratégias referenciais operadas sobre esta metáfora da fonte são forte indício de um campo simbólico no qual o Estado é incapaz de oferecer recursos materiais aos afetados pela crise, cabendo à igreja esse papel**

pela Frente Parlamentar Evangélica, em colocar a igreja como um serviço essencial diante da forte capilaridade desta instituição no Brasil (Carranza et al. 2020). Essa atuação, antes de ser complementar, concerne à disputa entre Igreja e Estado – uma das muitas manifestações do Diabo quando promove limitações ao livre-mercado – para o papel de regulador das interações e de difusão do bem-estar

social (Santos, 2013, p.69), sendo aquela favorecida, junto à iniciativa privada, pelas atitudes do atual governo federal, descritas por Ortega e Orsini (2020) como uma “não governança” estratégica da Covid-19.

Ainda neste dado, podemos notar como a incorporação dessa ação política destaca-se junto ao campo simbólico emergente nos processos referenciais em (II) e (III). Em ambos, a metáfora da fonte incorpora a responsabilidade individual dos fiéis diante da atuação da igreja; em (II), Macedo promove uma categorização metaenunciativa da metáfora “você tem que ser a fonte”, alocando-a no domínio alvo da relação estabelecida com o enunciado “a obra de Deus” por meio do demonstrativo “aí”; em (III), ao qualificar o trabalho da igreja – alimentado pelos fiéis – o orador coloca a igreja como intermediária entre o fiel e o afetado ao empregar uma retomada parafrástica para o sintagma verbal metafórico “fonte a jorrar”, equalizando-

-o a “dar pras pessoas aquilo que Deus lhe tem dado”. As estratégias referenciais operadas sobre esta metáfora da fonte são forte indício de um campo simbólico no qual o Estado é incapaz de oferecer recursos materiais aos afetados pela crise, cabendo à igreja esse papel.

Estabelecer essa relação sem uma perspectiva de retorno, contudo, pode ser uma estratégia muito arriscada aos objetivos comunicativos de Macedo, pois, em tempos de crise, as recomendações de analistas econômicos vão em direção a decisões bastante cautelosas (Barbosa, 2020). Por isso, ao dar continuidade à exploração da metáfora da fonte, Macedo indica o resultado para aqueles que a alimentam:

**3. se você tiver juízo se você for inteligente se você for sábio você vai dar porque quanto mais você dar mais você vai receber** porque *essa é a lei da fonte*

Neste dado, e ao contrário do que vimos em 2, a categorização metaenunciativa da expressão introdutora condicional “se você (tiver juízo/for inteligente/sábio) você vai dar” é feita pela expressão referidora, a metáfora “essa é a lei da fonte”. Ao conceptualizar a fé, manifestada por meio das doações, como investimento, Macedo então adiciona um quarto elemento, Deus, à relação “fiel-igreja-afetados” e torna-a cíclica, ao incorporar outro campo simbólico construído no Livro Sagrado, a famosa passagem do Evangelho segundo Lucas (Lucas 6:38): “dai, e dar-se-vos-á”<sup>[17]</sup>. Após essa construção, Macedo continua a explorar o caráter de investimento e retorno certo dessas doações, narrando um episódio em que Pedro, ao receber um rico e um pobre no Reino dos Céus, leva o segundo a uma vultosa mansão e o primeiro a uma casa humilde. Em forma de discurso direto, Pedro é questionado pelo rico por que a moradia eterna era tão simples, tendo por resposta: “o que você deu só deu para construir isso aqui... você que construiu isso aqui”. Essa narrativa, vale destacar, é acompanhada pela projeção em tela de contas bancárias da igreja.

Por fim, já em oração, o orador vale-se de uma estratégia para-sinonímica – emprego da mesma estrutura sintática, mas com alteração dos núcleos nominais – de modo a recategorizar o evento da pandemia, com foco nos efeitos por ela causados:

**4. essa pandemia desgraçada** *essa/esse pandemônio que nós temos no mundo inteiro*

Esta passagem do culto é muito importante para constatar como a emergência dessa recategorização metafórica indica a incorporação da situação financeira da igreja provocada pela pandemia em seus atos suasórios: poucos dias antes desse culto, a Rede Record, ligada à Universal, solicitou moratória, de modo a postergar em 90 dias o pagamento da

[16] Jó 1 Bíblia King James Atualizada. Disponível em: [bibliaportugues.com](http://bibliaportugues.com)

[17] Lucas 6 Bíblia King James Atualizada. Disponível em: [bibliaportugues.com](http://bibliaportugues.com)

folha salarial – valendo-se de decreto presidencial – alegando queda de receita. Tal indicação fica reforçada quando apontamos que, através da compra de horários na grade dessa rede de televisão, a Igreja Universal é responsável por 30% do faturamento da emissora (Nascimento, 2020).

## 7. A fonte de Gideão e os eleitos do Novo Mundo: a crise como oportunidade

O último registro a ser aqui analisado é um culto ministrado no Templo de Salomão no dia 24 de maio de 2020 por Edir Macedo e Adilson Batista. Neste registro, o tom apocalíptico é amplificado, e a argumentação continua a girar em torno dos dízimos e ofertas enquanto elementos fundamentais à Batalha Espiritual contra o Diabo. Aqui, todavia, o foco na relação investimento-retorno é mais especificado, pois tais práticas não apenas trarão uma recompensa material genérica, como visto no dado de abril, como também irão abrir os ouvidos dos fiéis para a seleção das melhores oportunidades de aplicação de capital e mão-de-obra. Este processo ocorre *via* incorporação do campo simbólico construído em Juízes 7<sup>[18]</sup> a 8 para configurar uma analogia com a crise socioeconômica provocada pela pandemia. Nesta passagem bíblica, narra-se como Gideão liderou 300 soldados durante a libertação de Israel, então sitiada por centenas de milhares de soldados. A analogia com a crise atual inicia-se pela alusão ao estado de sítio referido no episódio bíblico:

5. e o povo de Israel não tendo como enfrentar aquela situação o povo ficava dentro das cavernas escondido **tentando manter ali o pouco de comida que eles tinham para sua sobrevivência e eles não podiam sair das cavernas para ir lá fora malhar o trigo... trabalhar por conta da presença dos inimigos... tava todo mundo dentro das cavernas** não tem// *não é semelhante ao que tá acontecendo hoje? crise miséria desemprego as pessoas dentro de casa sem poder trabalhar*

Nesse primeiro extrato, a analogia promove a incorporação do “agora” a elementos do campo simbólico da narrativa. A emergência desses elementos, assim, promove a experiência atual a de um estado de sítio em tempos de guerra através de um símile. Esse recurso metalinguístico contribui para a conceptualização metafórica da crise instaurada pela pandemia e permite o movimento parafrástico posterior, no qual eventos específicos a ela emergem junto aos itens lexicais crise, miséria, desemprego e a construção “pessoas dentro de casa sem poder trabalhar”. Deste modo, é possível reforçar nossa hipótese inicial, segundo a qual a dimensão mais afetada da retórica dessa denominação diante da crise concerne à

projeção do *pathos*, e, ainda, especificar quais elementos do “agora” do campo demonstrativo do contexto têm influência determinante sobre essa reconfiguração.

O movimento parafrástico descrito acima incorpora também um elemento co-textual, pois ocorre após a projeção em tela de um testemunho no qual uma fiel, tendo perdido um salão de beleza por conta do fechamento de serviços não-essenciais, nunca deixou de “honrar o compromisso com Deus” e depositar disciplinadamente as primícias do próprio trabalho: “tudo que passa pela minha mão Deus em primeiro lugar”. Como resultado – e fazendo-nos ver a frequente incorporação da lógica investimento-retorno – Deus oferece à essa fiel um caminho para retomar a vida econômica, indicando-lhe o sucesso financeiro decorrente da fabricação de máscaras antivirais, “eu tive a direção em fabricar máscara”, obtendo margem de lucro superior ao do antigo negócio: “o que não aconteceu comigo nos 28 anos está acontecendo nesses 40 dias”. Há, nesse testemunho, a incorporação de um complexo campo simbólico formado por conjunto de referências construídas ao longo do tempo nos cultos da igreja, indo da normalização da pandemia ao resultado da fidelidade incondicional. O papel deste relato, nesse culto, é fazer emergir esse campo simbólico e assentar o cenário em uma dimensão socio-histórica, possibilitando a incorporação de um novo elemento central à argumentação sobre as práticas de arrecadação: a oportunização da crise.

Neste culto também há metáforas sobre experiências humanas com fontes. Diferente do registro de abril, contudo, não se constrói referência a uma fonte genérica para exemplificar figurativamente o nível básico da categoria “doação”, mas à fonte de Harode, na qual dentre milhares de soldados inicialmente recrutados por Gideão, foram selecionados os 300 guerreiros. Nessa passagem, diga-se, o critério de seleção para a batalha em nome de Deus corresponde à postura diante dos soldados diante das águas: quem bebesse dela como um cão estaria excluído, quem se ajoelhasse e a bebesse com as mãos seria escolhido. Assim, ao explicar como essa postura deve ser adequada ao contexto da pandemia, o orador incorpora novamente um dos aspectos essenciais da retórica da Universal diante da crise: ignorar os alarmes emitidos pelos órgãos sanitários e pela mídia de um modo geral, e seguir ouvindo apenas as recomendações dos bispos para transformar o pandemônio em oportunidade de novos negócios. Vejamos como inicia esse movimento:

6. **não acredite nisso nesses profetas do caos... mantém os seus olhos fitos (I) isso daqui é o que aconteceu com ela no meio da crise ela trocou de profissão mas ela tá ganhando mais do que ganhava antes da crise (II)**

Neste extrato, a metáfora “profetas do caos” é fundamental para dar continuidade à diminuição do papel tanto dos órgãos sanitários, incorporando o campo simbólico

[18] Juízes 7 Capítulos Paralelas Disponível em: [bibliaportugues.com](http://bibliaportugues.com)

de descrédito das instituições do Estado, como da mídia tradicional, incorporando o campo simbólico de ataque aos meios tradicionais de divulgação de notícias. Ao retomar a metáfora e parafraseá-la com a expressão “mantém os olhos fitos”, o fundamento principal corresponde à postura de ignorar os alarmes e tornar-se um dos escolhidos para, então, ter a chance de enxergar as oportunidades reais de prosperidade e superação da crise.

Mesmo diante do reconhecimento da crise, o orador Adilson Batista segue os passos de Macedo, e também do atual presidente do Brasil, ao colocar a igreja como uma das poucas instituições confiáveis para dar conta da crise, mantendo o foco na vida econômica. Vale-se, assim, do relato da fiel para realizar uma categorização metadiscursiva da descrição do episódio dela, como se vê em (II). Insistindo sobre essas diretrizes, o orador então lança as seguintes metáforas:

7. eu profetizo ainda **que muitos estejam vendendo você vai estar comprando muitos estejam perdendo você vai estar ganhando** mas você para que *você tome posse disso* (I) **você tem que neutralizar os seus ouvidos** *fecha os seus ouvidos* (II) para as palavras de derrota quando alguém aparecer na televisão *um jornalista dizendo um comentarista dizendo* a senhora o que vem por aí é uma crise sem precedentes o que vem por aí é um desemprego em massa o que vai acontecer aí é uma queda da economia **não considere** ((começa a apontar para os próprios ouvidos)) *entra por aqui sai por aqui* (III) tenha ouvidos para ouvir a voz de Deus

Em (I), “tomar posse disso” realiza um encapsulamento anafórico metadiscursivo via emprego do dêitico “isso”, referindo-se à superação individual no âmbito das negociações financeiras. A construção referencial promove uma recategorização metafórica no momento em que é empregada junto à recorrente expressão no mundo neopentecostal, “tomar posse”, referente a uma postura mais geral de cobrança das promessas feitas por Deus a seus servos (Martins, 2011), prática conhecida como “Confissão Positiva”. O uso dessa expressão abre margem para a explicação, em (II), também conceptualizada via metáfora “você tem que neutralizar seus ouvidos” seguida da retomada parafrástica “fecha os teus ouvidos”. Finalmente, ao referir-se a um dos perfis dos profetas do caos “um jornalista... um comentarista” e exemplificar o que ele pode vir a dizer, o Bispo Batista insiste na postura de ignorá-los “não considere” e a parafraseia com o formulaico metafórico “entra por aqui sai por aqui”.

A metáfora sobre audição é importante para criar um símbolo sobre as práticas sacrificiais. Os fiéis, com envelopes em mãos, são convidados para um ato de consagração de dizimistas, e, ao comentar o conteúdo desses envelopes – uma folha com um desenho de um ouvido – Batista orienta-os a tirar uma foto do próprio ouvido, colá-la, copiá-la e entregá-la a um membro da denominação, porque “nós vamos levar essa essas fotos ou seja levar o seu ouvido lá na fonte de Gideão e vamos determinar que Deus vai

dar direção para você nesses dias difíceis”. Também nesse envelope o fiel deve inserir tanto as primícias quanto “uma prova... uma oferta”. O resultado, assim, será o fiel ouvir a “voz de Deus dizendo assim com esse você negocia com esse se não negocia agora você diz sim agora você diz não compra não compra venda não venda”. Ou seja, a chave para a prosperidade, como é praxe na retórica da Igreja Universal, é adquirida por meio de um investimento, cujo risco é de responsabilidade apenas do fiel.

Por fim, ao fazer uma última referência à crise, Batista insiste em operá-la enquanto uma oportunidade, quando realiza a seguinte conceptualização metafórica apontando como para o povo de Deus:

8. não haverá **crise** muito pelo contrário *as forninhas desta vida* (I) **servem para abrilhantar ainda mais na tua palavra** e na vida desta pessoa *até o que for para dar errado vai dar certo e até quem quiser atrapalhar essa pessoa vai ajudar* (II).

É interessante notar como, novamente, a crise é referida ao mesmo tempo enquanto evento diminuto – ao ser conceptualizada em (I) como hipônimo da expressão metafórica “as forninhas da vida” – e enquanto evento sinalizador de grandes mudanças – já como hipônimo predicado pela metáfora “servem para abrilhantar ainda mais na tua palavra”, exemplificada ainda em (II).

## 8. Pontos de conclusão: os sentidos da reação da Universal às crises do novo coronavírus

Como vimos, a retórica da Igreja Universal foi afetada pela pandemia de modo mais imediato na dimensão do *pathos* projetivo, algo evidenciado pela formação de um sistema de relevância interpessoal bastante marcado pela incorporação do “agora” do contexto socio-histórico e de variados campos simbólicos ligados a diferentes formas de reação à crise e benéficos ao plano de tomada de poder trabalhado por Macedo. Os processos referenciais metafóricos aqui analisados à luz da dinâmica contextual nos dão condições de enxergar como a atuação da Universal diante da pandemia foi sendo baseada nas mudanças ocorridas em quadros mais amplos.

A princípio, a estratégia era afinar-se ao discurso negacionista e conspiratório do Governo Federal – revelando-nos, inclusive, uma aposta inicial equivocada de Macedo sobre sua real influência na vida privada dos fiéis e demais denominações neopentecostais – e abafar os alarmes emitidos por instituições competentes de modo a evitar perda de arrecadação. Neste curto período, porém, essa estratégia diante do público geral revelou-se arriscada quando uma série de elementos contextuais – como a recepção dos fiéis aos alertas, a postura cautelosa de denominações similares e os impactos do arrefecimento das atividades



das micro e pequenas empresas na arrecadação financeira desta igreja – foram assimilados por esta liderança religiosa e incorporados ao discurso retórico, provocando uma rápida, mas não tão bruta, mudança na avaliação sobre a situação. Não por acaso, em um espaço de aproximadamente sessenta dias desde a declaração oficial da OMS, a pandemia passou a ser referenciada não só como apenas mais uma das inúmeras estratégias de Satanás, como também um “pandemônio desgraçado”, um estado de sítio similar ao vivido por Israel e o sinal do apocalipse. Como visto no dado de número 8, por exemplo, essas diferentes, e antagônicas, formas de referenciar a situação e enquadrar o contexto foram se complementando e convivem em harmonia no sistema de crenças iurdiano.

Para entendermos como esta convivência harmônica ocorre, devemos recorrer à tensão interna, central e condutora do *pathos* projetivo atuante na retórica neopentecostal: o estímulo à consumação do desejo pela posse de bens produzidos em nossa sociedade pela via do desprendimento financeiro e material. De modo similar, continuar ignorando a crise, fazendo ouvidos moucos, ou de mercador, aos alarmes emitidos por variadas instituições, e ao mesmo tempo considerá-la como um sinal do final dos tempos, adotando postura de preparo para uma guerra, revela-se como estratégia significativa para manipular a atenção do público-alvo de modo a transformar as variadas crises em oportunidade de expansão de negócios individuais e congregacionais. Por isso, da mesma maneira em que a legitimação sagrada da riqueza material só vem para quem adotar a única postura correta diante das provações divinas, a salvação durante o arrebatamento só virá para quem oferecer o máximo de si, mesmo que tenha pouco a ofertar, caso da grande maioria dos fiéis desta igreja. Ou seja, os valores do público-alvo desta igreja mudam no tempo e no espaço e são redimensionados, como vimos neste artigo, mas a estrutura condicionante entre elementos conflitantes continua preservada.

Nossos dados também nos sugerem não haver reconfiguração substancial imediata na dimensão da projeção do *logos* e do *ethos* do empreendedor sacrificial. Em relação ao primeiro, vimos como o emprego de metáforas emerge com frequência sob a forma de explicações, sejam elas operadas *via* anáfora nominal co-referencial, sejam elas operadas por procedimentos metaenunciativos, eventos textuais bastante comuns na retórica dessa igreja (Martins, 2011). Nessa dimensão, as respostas e argumentos oferecidos ao auditório continuam a ser: sacrifique-se e viva a glória junto a Deus.

Já em relação à projeção do *ethos* do empreendedor sacrificial, devemos entender que Macedo adequa-se ao perfil do “profeta exemplar”, isto é, um tipo capaz de modelar a mensagem teológica à sua trajetória individual na sociedade (Martins, 2015, p. 105). Por isso, coloca-se constantemente como sendo uma figura que se hoje tem todas as bênçãos materiais possíveis, só as conquistou pela via do sacrifício pleno. Esse elemento é fundamental para entendermos como as múltiplas crises provocadas pela pandemia, quando se revelaram incontornáveis, deveriam ser transformadas em oportunidade. Enquanto o fiel deveria ressignificar os próprios meios de renda, a igreja – personificada neste líder – deveria ressignificar os meios de atuação, visando substituir o papel assistencial do Estado. A tática retórica de Macedo, entretanto, não chega a nos surpreender, pois ela incorpora um elemento bastante central à racionalidade neoliberal: o oportunismo como método. Esse elemento do contexto sociocognitivo mais amplo, descrito por Dardot e Laval (2016), é fundamental para entendermos os movimentos textual-interativos aqui analisados, afinal, o empreendedor sacrificial – seja ele projetado na dimensão do *pathos* ou do *ethos* – deve ser, antes de qualquer coisa, um “caçador de oportunidades sempre em alerta” (Oliveira et al, 2020, p. 31). Não por acaso, os alertas emitidos devem ser considerados como distração, e aqueles que não se distraírem estarão portando-se como os guerreiros de Gideão diante da fonte de Herodes. A escatologia pré-milenarista, pois, ganhou na crise multidimensional provocada pela pandemia uma oportunidade de se revelar e as metáforas da retórica ambivalente da Universal apontam, como vimos, para essa direção e encaixam-se na conceptualização da fé como investimento, na qual o desapareço financeiro é vetor de prosperidade material.

Devemos salientar, por fim, como a ambivalência da mensagem da Universal face à crise não deve ser considerada como inconsistência: antes, ela é o próprio critério de seleção, ela é o fulcro da máquina que irá perfilar os futuros membros do governo de paz e prosperidade liderado por Cristo após a vitória contra o exército do Diabo. À luz da incerteza sobre a situação futura provocada pela pandemia, poucos indivíduos, aqueles capazes de “pontuar alto em tolerância à ambiguidade” estarão de fato propensos a explorar oportunidades de empreender e prosperar, afinal, tolerar a ambiguidade das circunstâncias parece ser expediente central para considerar a incerteza como um atrativo (Oliveira et al, 2020, p. 42).

## REFERÊNCIAS

- AMADO, G. 2020. "Pregar contra o isolamento é se preocupar mais com arrecadação que com a vida do fiel", critica pastor. Disponível em: ['Pregar contra o isolamento é se preocupar mais com arrecadação que com a vida do fiel', critica pastor - Época \(globo.com\)](#). Acesso em: 15/10/2020.
- AMOSSY, R. 2000. *L'argumentation dans le discours*. Paris, Nathan. 247 p.
- BARBOSA, M. 2020. Atividade econômica sobe pelo quarto mês seguido, mas analistas pregam cautela. Disponível em: [Atividade econômica sobe pelo quarto mês seguidos, mas analistas pregam cautela \(correio braziliense.com.br\)](#). Acesso em: 22/10/2020.
- BEAUGRANDE, R. 1997. *New Foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and the freedom of access to knowledge and society*. Santa Barbara, Praeger. 686 p.
- BENTES, A. C., REZENDE, R. C. 2014. O texto como objeto de pesquisa. In: A. V. GONÇALVES; M. L. GÓIS (orgs.); *Ciências da linguagem: o fazer científico*. Campinas, SP. Mercado das Letras, p. 137-176.
- CAMPOS, L. S. 2007. O Demoníaco, as Representações do Mal, os Sistemas de Acusação e de Inquisição no Protestantismo Histórico Brasileiro. *Estudos da Religião*, 21(33):59-107. <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v21n33p59-107>
- CAMURÇA, M. 2020. Igreja Universal do Reino de Deus: entre o "plano de poder" e a lógica de minoria perseguida. *Religião & Sociedade*, 40(1):43-66. <https://doi.org/10.1590/010085872020v40n1cap02>
- BANDEIRA, O. CARRANZA, B; 2020. Reações religiosas à Covid-19 na América Latina. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, 22:1-24.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. 2016. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo, Editora Boitempo, 402 p.
- DIP, A. 2012. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. São Paulo, Ed. Civilização Brasileira, 310 p.
- ESTADÃO. 2020. "Não se preocupe com o coronavírus" diz Edir Macedo a fiéis no Facebook. Disponível em: [Edir Macedo: 'Não se preocupe com o coronavírus' \(uol.com.br\)](#). Acesso em 21/10/2020.
- FARIA, T. 2020. Bolsonaro está convencido de que coronavírus é um plano do governo chinês. Disponível em: [Bolsonaro está convencido de que coronavírus é um plano do governo chinês - 16/03/2020 - UOL Notícias](#). Acesso 02/10/2020.
- GIBBS, JR. 2006. Cognitive linguistics and metaphor research: past successes, skeptical questions, future challenges. *DELTA*, 22(especial):1-20. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502006000300003>
- GOFFMAN, E. 1974. *Frame analysis*. New York, Harper Row, 586 p.
- HANKS, W. 2008. O que é contexto. In: A. BENTES et al (org.), *Língua como prática social: das relações entre língua, sociedade e cultura a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo, Cortez, 169-203.
- HOBSBAWN, E. 2013. A perspectiva da religião pública. *Tempos fraturados*. São Paulo, Companhia das Letras. 360 p.
- HUNT, S. 2000. 'Winning Ways': Globalisation and the Impact of the Health and Wealth Gospel. *Journal of Contemporary Religion*, 15(3):331-347. <https://doi.org/10.1080/713676038>
- KITTAY, E. 1987. *Metaphor: its cognitive force and linguistic structure*. OUP, Oxford. 372 p.
- KOCH, I. G. V. 2001. Linguística textual: quo vadis? *DELTA*, 17(1):11-23. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502001000300002>
- KOCH, I. G. V. 2002. *Desvendando os segredos do texto*. Cortez, São Paulo, 208 p.
- KOCH, I. G. V. 2004. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo, Martins Fontes, 174 p.
- KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. 2004. Do cognitivismo ao sócio-cognitivismo. In: A. C. BENTES; F. MUSSALIN. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, São Paulo, Cortez, p. 251-300.
- KÖVECSES, Z. 2015. *Where metaphors come from: re-considering context in metaphor*. New York, OUP, 232 p. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780190224868.001.0001>

- KÖVECSES, Z. 2009. The effect of context on the use of metaphor in discourse. *Iberica*, **17**(2):11-24. [https://doi.org/10.1057/9780230594647\\_2](https://doi.org/10.1057/9780230594647_2)
- LEEZENBERG, M. 2013. From cognitive linguistics to social science: Thirty Years after Metaphors We Live By. *Journal of Cognitive Semiotics*, **5**(1-2):140-152. <https://doi.org/10.1515/cogsem.2009.5.12.140>
- LELLIS, N., DUTRA, R. 2020. Programmatic Crisis and Moralization of the Politics: a Proposal to Define the Bolsonaroism from the Experience with the Covid-19 Pandemic. *Int J Lat Am Relig*, **4**(1): 335-359. <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00113-3>
- MACEDO, E. OLIVEIRA, C. 2008. *Plano de poder. Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro, Ed. Thomas Nelson Brasil, 123 p.
- MACIEL, A. DIP, A. RIBEIRO, R. 2020. Megaigrejas continuam abertas e dizem que fé cura coronavírus. Disponível em: [Grandes igrejas evangélicas promovem cultos em meio à pandemia \(apublica.org\)](https://grandesigrejas.evangelicas.promovemcultos.em.meio.a.pandemia.apublica.org). Acesso em: 12/10/2020.
- MAFRA, C. et al. 2012. O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? *RBCS*, **27**(78):81-96. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000100006>
- MARCHESAN, R. 2020. Pandemia é plano chinês para recuperar economia? País está sofrendo impacto. Disponível em [Coronavírus: Pandemia é plano chinês para recuperar economia? País está sofrendo impacto \(uol.com.br\)](https://coronavirus.pandemia.e.plano.chinês.para.recuperar.economia.país.está.sofrendo.impacto.uol.com.br). Acesso em 20/10/2020.
- MARCUSCHI, L.A. KOCH, I. G. V. 2002. Estratégias de referência e progressão textual na língua falada. In: M. B. ABAURRE, A. RODRIGUES. *Gramática do português falado*. Campinas, Editora da UNICAMP, p. 31-58.
- MARCUSCHI, L.A. KOCH, I. G. V. 2005. Do Código para a Cognição: o Processo Referencial como Atividade Criativa. *Veredas*, **1**(1):43-62.
- MARCUSCHI, L.A. KOCH, I. G. V. 2005. O barco textual e suas âncoras. In: I. G. V. KOCH, et al. (orgs.), *Referência e Discurso*. São Paulo, Contexto, p. 53-102.
- MARCUSCHI, L.A. KOCH, I. G. V. 2006. Referência e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Caderno de estudos linguísticos*, **1**(48):7-22. <https://doi.org/10.20396/cel.v48i1.8637251>
- MARCUSCHI, L.A. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo, Parábola, 296 p.
- MARCUSCHI, L.A. 2007. A propósito da metáfora. *Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro, Lucerna. 58-78.
- MARIANO, R. 2008. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *REVER*, **(1)**:68-95.
- MARIANO, R. 2013. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, **2**(24):119-137. <https://doi.org/10.22456/1982-8136.43696>
- MARTINS, E. F. M. 2011. *O percurso sócio-cognitivo das recategorizações metafóricas: Construção de sentidos na retórica neopentecostal*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 215 p.
- MARTINS, E. F. M. 2015. *Frames neoliberais na retórica neopentecostal: aspectos referenciais e sociocognitivos*. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 233 p.
- MARTINS, E. F. M. 2017. Sobre a singularidade das formas correferenciais metafóricas. *INVESTIGAÇÕES (ONLINE)*, **30**(4):101-129.
- MARTINS, E. F. M.; SOUZA, M. C. 2020. Metáfora, contexto e incorporação na retórica neopentecostal. *Revista da Anpoll*, **51**(1):21-31. <https://doi.org/10.18309/anp.v51i1.1371>
- MEYER, M. 2007. *A retórica*. São Paulo, Ed. Ática, 128 p.
- MONDADA, L., DUBOIS, D. 2003. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Orgs.). *Referênciação*. São Paulo: Contexto. 17-52.
- MORATO, E. M. 2008. O estatuto sociocognitivo do contexto na orientação argumentativa das práticas referenciais. *Investigações (UFPE)*, **21**(2):81-97.
- MORATO, E. M. et al. 2012. Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção referencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. *Linguagem em Discurso*, **12**(1):711-742. <https://doi.org/10.1590/S1518-76322012000300004>
- MORATO, E. M. 2017. Linguística Textual e Cognição. In: E. R. SOUZA et al. (orgs.), *Linguística Textual: Interfaces e delimitações*. São Paulo; Cortez, p. 394-430.



- NASCIMENTO, G. 2019. *O reino: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*. São Paulo, Companhia das Letras, 379 p.
- OLIVEIRA, C. D. M; et al. 2020. As organizações religiosas brasileiras frente à pandemia de Covid-19. *Journal of Latin American Geography*, **19**(3):272-279. <https://doi.org/10.1353/lag.2020.0049>
- ORTEGA, F. ORSINI, M. 2020. Governing COVID-19 without government in Brazil: Ignorance, neoliberal authoritarianism, and the collapse of public health leadership. *Global Public Health*. **15**(3):1257-1277. <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1795223>
- PECK, J, THEODORE, N. BRENNER, N. 2012. Mal-estar no pós-neoliberalismo. *Novos estudos CEBRAP*, **2**(92):59-78. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002012000100005>
- SACKS, S. (org.), 1992. *Da metáfora*. São Paulo, EDUC/Pontes, 193 p.
- SALOMÃO, M. M. 1999. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, **3**(1):61-79.
- SALOMÃO, M. M. 2005. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: I. G. V. KOCH et al. (orgs.); *Referenciação e Discurso*, São Paulo, Contexto, p. 151-168.
- SANDIG, B. 2009. O texto como conceito prototípico. In: H. R., WIESER; I. G. V. KOCH (orgs.), *Linguística Textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. p. 47-72.
- SANTOS, B. 2013. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo, Cortez, 176 p.
- SANTOS FILHO, C. R; COSTA, O. J. L. Igreja Universal e o coronavírus: a dimensão geossimbólica e a negação do isolamento social. *Revista Ensaios de Geografia*, **5**(1):52-56.
- SEMINO, E. 2008. *Metaphor in discourse*. New York, Cambridge University Press, 260 p.
- SIUDA-AMBROZIAK, R., BAHIA, J. 2020. Religious Leaders in Politics: Rio de Janeiro Under the Mayor-Bishop in the Times of the Pandemic. *Int J Lat Am Relig*, **1**(2):360-379. <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00123-1>
- TOMASELLO, M. 1999. *Cultural origins of human cognition*. Cambridge Massachusetts, Harvard University Press. 256 p.
- TOMASELLO, M. 2014. *A natural history of human thinking*. London, Harvard University Press, 178 p.